

QUE CIDADE HABITA O QUEER?

WHICH CITY INHABITS QUEER?

PEDRO FARIAS MENTOR

RESUMO: O presente ensaio teve como intento evidenciar a relação entre subjetividade e o contexto citadino a partir dos chamados corpos desviantes ou queer. Nosso ponto de partida foi o entendimento da arquitetura como tecnologia de gênero. Ao longo do percurso notamos que tanto as pessoas ocupam a cidade quanto a cidade ocupa os corpos, isto é, os projetos de habitação e circulação estão atados a uma lógica de vigilância, organização e higienização social que visam a permissão ou não de determinados corpos e subjetividades na cidade e nos seus espaços. Nesse contexto, o queer surge não apenas como aquele a ser retirado ou mesmo morto, mas como uma outra possibilidade de habitar, imaginar e construir uma cidade.

Palavras-chave: Filosofia Contemporânea; Paul B. Preciado; Teoria Queer.

ABSTRACT *The present essay had the intention of showing the relationship between subjectivity and the urban context from the so-called deviant or queer bodies. Our starting point was the understanding of architecture as a genre technology. Along the way, we noticed that both people occupy the city and the city occupies the bodies, that is, housing and circulation projects are tied to a logic of surveillance, organization and social sanitation aimed at allowing or not certain bodies and subjectivities in the city and its spaces. In this context, queer appears not only as the one to be removed or even killed, but as another possibility to inhabit, imagine and build a city.*

Palavras-chave: Contemporary Philosophy; Paul B. Preciado; Queer Theory.

I. INTRODUÇÃO

A cartografia é nevrálgica para os estudos sobre a cidade. Sejam eles de caracteres urbanísticos, sociológicos ou históricos, o trabalho cartográfico é concomitantemente a materialização de um projeto que impacta a vida de inúmeras pessoas, animais e a paisagem e um espaço de imaginação, desejo e abertura à eticidade.

Entre a representação e a construção, a atividade de cartografar talvez seja uma das práticas filosóficas mais potente afinal, ela (re)elabora e incita a (re) pensarmos, entre outras coisas, os corpos que transitam na cidade e onde cada pessoa ou grupo está inserida: o que significar habitar determinado local? Como a cidade onde vivemos se tornou o que é? Por que circulamos nesse lugar e não em outros? O que podemos mudar? O que mantemos? Quais relações estabelecemos com a cidade e para com nós a partir dessas configurações?

Para Gilles Deleuze a cartografia na medida em que se liga a diagramação e ao mapeamento explicita as formas e os mecanismos em que o poder se espacializa, vislumbrando frestas e vias possíveis de resistência e transgressão (Cf. DELEUZE in: FOUCAULT, 2005); em consonância, para Félix Guattari o ato de cartografar é um esboço dos modos de produção de subjetividade fundadas nas tecnologias de informação, representação e comunicação que possibilitam uma prática transformadora do mundo (Cf. GUATTARI, 1989).

Paul B. Preciado (2017) retoma Foucault para nos esclarecer como em especial a arquitetura está vinculada aos modos em que o poder incide diretamente sob os corpos:

[...] trata-se, portanto, de pensar a arquitetura

ra, o deslocamento e a espacialização do poder como tecnologias de produção da subjetividade. Desse modo, o importante não são somente os programas e a organização espacial específica do que ele [Foucault] chamará de “arquiteturas de aprisionamento” – a prisão, o hospital, o quartel e o acampamento militar, a fábrica ou o espaço doméstico – mas sim a capacidade que essas possuem para funcionar como autênticos exoesqueletos da alma. Desse modo, Foucault nos convida pela primeira vez a pensar a arquitetura e as estruturas de espacialização (o muro, a janela, a porta, o *peep-hole*, o armário, os mictórios, a distribuição vertical ou horizontal de projetos de plantas etc.), e também nos faz refletir sobre a temporalização que elas sugerem (fluidez ou retenção da circulação, organização rítmica da ação, disposição sequencial da visibilidade, invisibilidade etc.) como órtese-política, sendo dispositivos duros e externos, de produção de subjetividade. (p. 11)

Seguindo a leitura de Preciado, pensar a cidade é pensar como ela ocupa os corpos: quais forças conformam os corpos, lhe proporcionam coerência estética, política, instrucional, outorgando ou não reconhecimento, legitimidade, possibilidade ou intercepção de circulação. Pois antes de ser um espaço dado – corporalidade humana de um lado e possibilidades inorgânicas (de pedra, cimento, tijolo, clima, rios) e orgânicas (madeira, fores, animais) de outro – a cidade é o entrecruzamento de agentes que buscam organizar e direcionar as potencialidades dos corpos por meio de técnicas ortoarquitetônicas tais como o espaço doméstico, as escolas, os quartéis etc. Tanto o espaço público quanto o espaço privado estão informados e estruturados por poderes que se “espacializam” de forma híbrida: carne e concreto se imiscuem de forma mais sutil que a ficção científica nos apresenta. Elementos discriminatórios e normalizados do trato social corrente tais como o racismo,

a transfobia e o capacitismo não se limitam a momentos pontuais, mas estruturam a circulação dos corpos em determinados ambientes. Esse processo pode ser observado desde a separação dos banheiros públicos por gêneros ou raça até a vigilância dos trejeitos na comunicação cotidiana. A respeito da heterossexualidade como um desses vetores Preciado diz que:

O que caracteriza o espaço público na modernidade ocidental é ser um espaço de produção de masculinidade heterossexual” onde “o importante dessa análise foucaultiana não é somente pensar a identidade sexual como um efeito de um processo de construção política, mas sim identificar as técnicas semiótico-técnicas, visuais, arquitetônicas e urbanísticas através das quais é realizada essa construção. O que ainda não havíamos imaginado até agora é que o trabalho (tanto o discursivo como o técnico) dos arquitetos, urbanistas, fotógrafos, cinematógrafos, demógrafos, engenheiros de território etc. era, entre outras coisas, a produção de um sujeito sexual. (PRECIADO, 2017, pp. 13 – 14)

Saibamos então que o espaço público e suas cartografias são moldadas, a princípio, pela produção masculinista cis-heterossexual – e outras matrizes de poder – que necessita manter uma vigilância paranoica em todos os aparatos semióticos e técnicos existentes e que muito dos seus agentes não percebem sua contribuição na construção desse sujeito sexual, muito menos as frestas deixadas para a formulação de outros.

O *queer*⁹ entendido como essa multidão desviante, insubmissa às normas, precisa ser sistematicamente eliminado pela governamentalidade cis-heterossexual, afinal sua existência desestabiliza os usos projetados dos corpos, das tecnologias e das performatividades testadas e compulsoriamente vigiadas

⁹ Há um extenso e inconclusivo debate a respeito da origem e do uso da palavra *queer*. Nesse trabalho, entenderemos o *queer* como os sujeitos e as estratégias políticas e estéticas que resistem a representação baseada na identidade, em especial àquelas que passam pelo processo de racialização, capacitismo, sexualização e gênero.

por esse poder que preda e gere diretamente a vida e seus modos de construção subjetiva.

Mesmo sob o assédio genocida da cis-heterossexualidade, a multidão *queer* existe e por existir, em algum grau, ela igualmente habita. Então, qual(is) cidade(s) é(são) esta(s) que habita(m) o corpo *queer* - que lhe dá condição de possibilidade de existir ou não? Qual cidade pode ou não o *queer* habitar?

II. ÓRTESE-POLÍTICA

Livros como *A Nova Atlântida*, de Francis Bacon, *A República*, de Platão ou *Utopia*, de Thomas Moore nos ajudam a pensar alternativas de vivências e organização social que, muita mais que teoremas e especulações vazias, são atividades imaginativas que colocam em jogo sua possibilitada na própria elucubração de si. A cidade *queer* poderia ser compreendida nos mesmos termos: uma futurologia criada no presente, gestada no interregno do alastramento da cis-heterossexualidade compulsória e nos seus questionamentos por meio de comportamentos, pensamentos, táticas e narrativas que desestabilizam suas normas. Uma força disjuntiva, quase (se de fato não for de toda) anárquica, criativa, funcionando em outra lógica que não a do controle, incapsulável e de forma alguma representável em identidades fixas.

Evidentemente, tal “anarquia” subjetiva, política e estética não se dá em um solo sem fricção, descontextualizada e a-histórica. Se a sexualidade e os jogos de identidade calcados no sistema gênero-sexo são centrais *hoje* para os corpos desviantes é porque houve um processo anterior de alinhamento de poderes e seus aparatos visando um controle específico e altamente interessado, isto é, da mesma forma que os sujeitos taxados como anormais ou intoleráveis podem ser compreendidos como fenômenos recentes, jamais os sujeitos normais e aceitáveis poderiam preceder sua própria emergência sócio-histórica específica. Não possuir uma *arché*, um princípio ou ordenamento não significa forçosamente

sem conexão, troca ou continuidade (BENSUSAN, 2016): sob esse prisma, as táticas *queer* estão em constante tensões internas a seu funcionamento e fazimento, o qual garante uma síntese dinâmica entre uma consciência do presente e construção orientada para o futuro.

Os corpos *queer* constroem e são construídos por diversas forças, entre as quais, as chamadas tecnologias de gênero. Segundo Teresa de Lauretis as tecnologias de gênero são um conjunto de técnicas, saberes, formas de aplicação e circulação de poderes que operam na construção subjetiva tendo em vista a criação e a manutenção de identidades fixas calcadas na binaridade de gênero, em outras palavras, preocupadas com a naturalização e a reprodução compulsória das identidades femininas e masculinas mobilizadas pelas demandas de interesses religiosos, militares, pedagógicos, culturais, econômicos etc. Entre as tecnologias de gênero mais exemplares podemos listar: os filmes, os livros, os banheiros e os documentos oficiais.

Segundo Preciado (2018), parte da ação política necessária na contemporaneidade passa pelo hackeamento dessas tecnologias, uma estratégia *queer* deve ser capaz de deslocar os usos dados e direcionados dessas tecnologias, confundindo seus códigos para que experimentemos outros, gerando assim, outras formas de conformações subjetivas que além de serem mais democráticas colocam em jogo tanto a governamentalidade do poder cis-heterossexual e quanto as novas possibilidades de (con) viver.

Percebamos a confluência entre os modos como os processos de construção, desconstrução e negociação subjetiva se espacializa: ela pode ser nanotecnológica quando se trata dos hormônios, da genética, microtecnológica quando falamos da estética corporal, dos afetos que circulam, dos gestos e trejeitos, do cotidiano, do macrotecnológica quando falamos de políticas públicas, da economia, das relações de trabalho. Não apenas o material semiótico, transparente, visual é instrumentalizado e fomentado pelas tecnologias de gênero, mas igualmente aquilo que

é sólido, rijo, tocável – como a própria urbanização. Estamos imersos nas trincheiras dos poderes que são produzidos e contraproduzidos em cada um desses espaços, ora mais ou menos cúmplices ora mais ou menos dissidentes. Os corpos *queer* emergem dessa indeterminação e os jogos de arbitro tomando essas órtese-políticas para navegarem além dos horizontes já cartografados.

III. AS UTOPIAS QUEER

Em *Cruising Utopia: The Then and There of Queer Futurity* José Esteban Muñoz resgata o pensamento de Ernest Bloch para quem existem dois tipos de utopias – as abstratas e as concretas, as primeiras são aquelas que estão desconectadas das lutas historicamente situadas, gravitam em torno de um otimismo cego, enquanto as segundas estão as voltas de ações ativas e potencialmente transformadoras que apostam em um futuro por vir que mesmo diante do fracasso ensaiam espaços de esperanças e criação alimentadas pela criação constante.

A utopia *queer* é vislumbrada justamente nas rachaduras e nas perdas das utopias concretas: o fracasso daqueles que não conseguem ou simplesmente não podem viver as expectativas de gênero e da normal social avolumam potências transformadoras, criam linhas de fuga, um devir político coletivo que ressignificam a “fraqueza” como força e não imobilidade. Como diz Preciado:

Desejo-lhes que não tenham mais a força de repetir a norma nem de fabricar a identidade, que percam a fé no que dizem sobre vocês os documentos. E uma vez que tenham perdido vosso valor, cansadas da alegria, desejo-lhes que inventem uma maneira de usar vosso corpo. Justamente porque os amo, quero que sejam frágeis e desprezíveis. Porque é através da fragilidade que opera a revolução. (PRECIADO, 2020, p. 145)

A primeira vista, o fracasso pode soar como algo in-

desejado, contudo, como assevera Adriana Galuppo em *cidade queer: uma autobiografia*, ele apresenta um deslocamento de perspectiva e expectativas, assim, a falha alarga e desconfigura os enquadramentos. A história dos *queer* é uma sequência infindável de insucessos que, mais do que paralisar, impulsionaram mudanças e o inconformismo.

Por isso, as utopias *queer* concretas estão atentas as estratégias de fortalecimento das órtese-políticas normativas. Foucault já notara que o biopoder – o poder que se move pela e para a vida – é altamente criativo, rizomático e produtivo, a repressão em vez de reter na verdade impulsiona fluxos de novidades. Por isso, é na própria vida que as forças se debatem e moldam estratégias políticas – podemos exemplificar a própria existência dos *queer* como é a partir do substrato vivo, das vivências marcadas por dor e prazer que podem surgir uma nova linguagem e um outro mundo.

IV. CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como intento ensaiar como aproximação entre teoria queer, arquitetura e utopia. Começamos por comentários pontuais sobre a relação entre corpo e cidade tomando como ponto de partida a atividade cartográfica. Logo tentamos demonstrar como a cis-heterossexualidade enquanto regime político tenta higienizar e eliminar identidades não conformadas a sua operacionalização. Mais do que uma forma afetiva ou orientação sexual, a cisheterossexualidade participa diretamente na idealização e concretização de projetos urbanísticos e arquitetônicos, sendo assim um elemento político de alta periculosidade para as subjetividades não conformadas.

As identidades dissidentes – identificadas como corpos *queer* – performam na própria existência e ocupação em espaços utopias políticas contra e aquém aos poderes que se levantam contra elas. Estéban Muñoz resgata a filosofia de Bloch para diferenciar dois tipos de utopia – uma abstrata e outra concreta,

alimentada pelas falhas, fracassos, esperança e lutas, as utopias *queer* fazem parte da segunda.

As batalhas perdidas dos *queers* no íterim do tempo apontam que suas cidades são sonhos pavimentados, palpáveis em seus próprios corpos, experiências e na história coletiva de ocupação e ressignificação dos espaços que habitam ou que constroem ao longo do tempo, mesmo sob assédio do regime cisheterossexual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARARUNA, M. L. F. B.. O direito à cidade em uma perspectiva travesti. In: *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 8, 2018. Pp. 133 – 153, nov. – abr.

BENSUSAN, H.. *Being Up For Grabs: On Speculative Anarcheology*. 1. ed. Londres: Open Humanities Press, 2016. v. 1. 235 p.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. 15 ed. 15 reimp. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. (Coleção Sujeito & História)

FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: n-1 edições, 2013.

_____. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*, Rio de Janeiro, Editora Graal, 2005

GALUPPO, Adriana. *Cidade queer [manuscrito]: uma autobiografia plural*. Minas Gerais. 147 p. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. UFMG. 2019.

GUATTARI, Félix. *Cartografias esquizoanalíticas*. Buenos Aires: Manatíal, 1989.

LAURETIS, T. de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Buarque de (org.). *Pensamento Feminista – conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. Pp. 121 – 155.

. Teoria queer, 20 anos depois: identidade,

sexualidade e política. In: HOLLANDA, Buarque de (org.). *Pensamento Feminista – conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. Pp. 397 – 409.

PRECIADO, P.B. Cartografias queer. In: *eRevista Performatus*, v. 5, n. 17, 2017. Pp. 1- 32, jan.

. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. In: *Estudos Fem., Florianópolis*, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan. 2011.

. *Testo Junkie*. São Paulo: n-1e edições, 2018.

. *Um apartamento em Urano*. São Paulo: Zahar, 2020.